

A VELHA GUARDA

Órgão local do Partido Republicano Portuguez

Editor:

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

AGOSTINHO F. ROCHA

JOAQUIM DE ALMEIDAGUIMARAES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 46 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

VIVA PORTUGAL

9 DE ABRIL 1918

«E comandou de novo o fogo dos seus canhões, que fumegavam ardentes pelo fogo violento e ininterrupto dumas poucas de horas sem agua para os refrescar, por que se lhes tinha esgotado já a dos proprios captis que sacrificaram para poderem continuar o seu incomparavel sacrificio.

Abracei o joven official, tipo imberbe quasi de criança ainda, e parti

Uns passos andados e uma explosão formidavel me suspendeu a marcha.

Oíhei, retrocedi um pouco, fôra o primeiro canhão que rebentara escandecido pela polvora, cujas explosões já não podia aguentar. Julguei ver o pequeno troço de homens abandonar tudo, e retirar tambem, quando ouvi com pasmo a voz do official, forte, pausada, um pouco abafada pelo estrondear do canhoneio, comandar envolvido em nuvens de fumo: 2.º peça fogo! Pegou-me uns momentos, os pés no chão, a surpresa daquela voz que eu julgava emudecida já e não sei que senti de suprema admiração por esse punhado de portugueses que tão alto levantava o nome de Portugal e cujos rolos de fumo em que se envolviam me pareciam já nimbo divinos a glorificá-los.

Parti por fim.

A' vaga formidavel dos alemães

nada já podia opôr-se e essa maré cheia de invasão teutonica trasvasava, desbordava, sem diques que no momento pudessem contê-la pelos campos lindos de França.

Parti, por fim, mas levando bem gravado na retina esse heroico exemplo de épica resistencia, que difficilmente encontrará igual na historia.

Senti afrouxar o fogo da bateria, senti-o com horror calar-se e já longe, dum monticulo donde se descortinava o campo destruido da peleja, olhando para traz, eu vi ainda cinco homens, serenamente, acolher-se por detraz do escudo da unica peça que restava de pé, arrancarem com mão segura das pistolas apontarem-nas friamente, como quem já não pensa sequer que ainda vive e desfecharem-nas sobre a nuvem de pó e de fumo que avançava para eles e que em trez segundos os envolveu completamente, escondendo-os para sempre dos meus olhos extasiados!

Naquele momento, eu tive a nitida intuição de que aos meus ouvidos chegava clara, pausada e forte, a voz do heroico official comandando aos cinco homens que lhe restavam, detraz do escudo da derradeira peça: fogo!

HUMBERTO BEÇA.

te foi engulida, e a outra parte foi repartida, e tudo isto se fez sem se mastigar para ir mais depressa. Mas nós somos teimosos, e tanto havemos de pedir e suplicar ao sr. governador civil que obrigue o administrador de Guimarães a saber quem foram as pessoas que digeriram os quatro contos que havemos de um dia ter resposta.

Vejam o sr. commissario de policia! Logo que lhe perguntamos que fez ao dinheiro do jogo, lealmente prestou as suas contas. A nós? Não. Mas a opinião publica. E por isso o felicitamos e lhe fazemos a justiça que merecem os homens honrados.

E os de Guimarães porque não seguem esse exemplo?

E' o segredo! Mas não de seguir de por onde der.

O' da guarda! Só na administração de Guimarães se sabe o destino que levaram quatro contos do jogo de Vizela.

O' sr. governador civil faça favor, aclare o misterio.»

Recordemos

Como os monarchicos procuravam defender-se

Decreto publicado no «Diario da Junta Governativa do Reino»:

Artigo 1.º—Revogação de toda a legislação desde 5 de Outubro de 1910 e implicitamente:

a) Demissão immediata de todos os funcionarios republicanos; b) Deportação de todos os revolucionarios civis reconhecidos pelo Parlamento;

Artigo 2.º—Prisão immediata dos considerados cúmplices da tragedia de 1 de Fevereiro, até ao esclarecimento da verdade;

Artigo 3.º—Supressão de toda a imprensa republicana e detenção dos seus redactores, gerentes e proprietarios;

Artigo 4.º—Demissão de todos os officiais republicanos de terra e mar;

Artigo 5.º—Instituição da pena de morte para os crimes de sedição politica.

Sapateiros

E' a classe que mais dinheiro tem arranjado. E' escandaloso, e senão veja-se:

No dia 29 de Março findo, a mulher dum snt. Sapateiro fazia anos, e querendo seu marido mimozia-la com uma «festa», convidára todos os seus empregados e alguns colegas a assistirem a um lauto jantar que em sua casa dava, dando ainda a cada um dos empregados, como gratificação, a quantia correspondente á feitura dum par de botas. O jantar correu na melhor das alegrias, quemando-se fogo e tocando um terço em frente ao palacio do snt. Sapateiro.

Terminada a festa em sua casa, seguira com os convivas para Santa Luzia, onde se repetiu segundo regozijo, chegando a rasgar uma nota de 20000, e com a

Ecos da guerra

Aos Herois d'Africa

Eu vos saúdo, herois, que alem do mar profundo
Entre florestas onde a febre ardente aflora,
Com rara intrepidez fizestes ver ao mundo,
Que Portugal é 'inda o Portugal d'outr'ora.

Em defeza da Patria de amarguras cheia,
A ferro e fogo, batalhando como leões,
Escrevestes com sangue olimpica epopeia,
Que não de ler com assombro as novas gerações.

Contra os canhões, num rude assalto temerario,
Reconquistastes Kionga ao cupido invasor,
Trofeu de gloria, que no pátrio relicario,
De novo se engastou com mais vivo esplendor.

Dentre vós, com grandeza d'alma sobre-humana,
Alguns souberam pela Patria, alfim, morrer,
Honrando, assim, a altiva raça lusitana:
Descendentes d'herois, herois soubestes ser.

Gloriosos volveis ao pátrio lar saudoso,
Que vos acolhe com hosanos triunfais.
Unindo a minha voz ao côro grandioso,
Clamo com fervor: «Gloria aos lusos imortais!»

João Elias, Iom-Iom.

Do opusculo «Pátria e Liberdade», no prelo.

satisfação de que não lhe fazia diferença, e isto numa animação indiscreta.

Um outro snt. Sapateiro ha dias em pleno publico dissera que tinha dinheiro em notas de 500, que podia forrar toda a sua casa, e é assim para estes folguedos que o pobre do Zé Povo paga bem caro o calçado?

Há bom chicote!...

O assucar

E' escandaloso o que se passa no «reino dos dissidentes», com este genero. Não nos dá mesmo vontade de metermos colherada no assucareiro. Mas como calar é consentir, vamos apenas citar factos. A tabela do assucar em Lisboa é de 46 e 48 centavos, escuro e branco, respectivamente. Assim é fortificado ás Camaras Municipais do paiz. Ha dias appareceu aqui tabela, para que os negociantes vendessem o escuro a 50. Mas antes, muito antes, vendia-se assucar em Avintes-Gaia a 50, em Satam a 50, em Braga a 54, em Vila Real a 75, em Felgueiras a 90, e muito era do branco. Como é, pois, que em Guimarães ele custa

1035! Se ele ficou por 52 centavos, para que é tanto lucro? Diz-se que, para indemnizar certos monarchicos, a quem passaram guias e que fizeram despesas!

Só em Guimarães é que se tem vendido o assucar mais caro.

Mas tendo sido condenado em Lisboa um vimaranense, por vender assucar a 125, em Guimarães, onde os do «reino» o vendem a 135, que condenação se lhes applica? A impunidade, senhores!

Falta de... vergonha

Foi ha dias distribuida no tribunal judicial, desta comarca, uma acção civil contra o medico Fernando Gilberto Pereira, com o fundamento na falta ao contrato e ajuste de uma propriedade junto da Ponte de Santa Luzia, que este combinou vender ao sr. Manuel da Cunha, lavrador, do Bem-lhe-vai. Efectivamente, tendo nós visto o processo, não nos surpreendeu ver que haja individuos que não queiram honrar e dignificar a sua posição social, cumprindo aquilo a que se obrigaram.

E' que já estamos habituados a

VARIA

O jogo de Vizela

Ha já muitos meses que nós vimos perguntando aos dissidentes de Guimarães, —os grandes moralistas! — o que fizeram ao dinheiro que apanharam ás casas de jogo que funcionaram em Vizela e que são 4 mil escudos, sem que esses honestos e desinteressados

«cavalheiros» tenham vindo dar contas á opinião publica, da sua applicação. Como, porém, o nosso colega de Braga «O Liberal», tambem os não larga de mão, mais uma vez, e sempre que isso se dá, lhe transcrevemos o que publicou em o seu numero de 4 do corrente e que é o seguinte:

«O JOGO

O nosso colega «Velha Guarda», de Guimarães, tambem quer saber o destino que levaram quatro contos que as casas de jogo de Vizela entregaram ao administrador do concelho de Guimarães! Já é ser muito curioso. O destino? Olhe, parte foi comida, par-

ouvir dar a sua palavra de honra a muito bacharel, lutando a ela logo a seguir. Mas o represente dos católicos no sidonismo, o tanto serafico e teimante a Deus, o beatissimo Fernandinho, não devia de praticar destas acções, que mais mal-lhe ficam, porque assim a religião afunda-se.

Como não podemos hoje transcrever a petição inicial, limitamo-nos a transcrever o recibo por elle passado, bem significativo, e que é o seguinte:

RECIBO

O sr. Manuel da Cunha, casado de Bem-lhe-vai, entregou-me hoje mil e trezentos escudos, por conta da importancia pela qual contratei vender-lhe a propriedade da Ponte ou de Bargas (exceptuando a primeira leira lavradia ou lameiro e a pequena faxa de terreno que fica á frente da casa e que constitue servidão de aguas para o lameiro.

Guimarães, 30 de Novembro de 1919.

F. Gilberto Pereira.

(Este recibo está devidamente reconhecido pelo notario, Dr. Bastos Junior.)

Eco Noticioso

Em negocio

Esteve nesta cidade, e cumprimentou-nos, o nosso estimado e prestavel amigo e correligionario sr. João Fernandes, do vizinho concelho de Farnalhão, e conceituado negociante na freguesia de Riba d'Ave.

Agradecemos.

Consortio

Consoiciou-se no dia 25 de Março findo, o nosso amigo e correligionario sr. Joaquim Ferreira da Cunha, industrial, com a sr.^a D. Prisca Marques de Freitas, filha do nosso amigo e correligionario sr. João José Marques de Freitas, proprietario ambos de Santa Eufemia de Prazins, deste concelho.

Aos noivos desejamos as maiores venturas de que são dignos.

A PROPOSITO DO ENCERRAMENTO DO

Colegio do Campo da Feira

(Corôa de glória)

Em nos mais o seguinte facto que se relaciona com a já conhecida resolução do encerramento do referido collegio, e que publicamos, para conhecimento dos vimaranhenses sinceros e desimpaciados, e immortalidade dos autores. Eis o caso:

Em tempo, um grupo de alunas, do hoje extinto collegio, resolveu constituir-se em comissão e adquirir uma bandeira para as comemorar nas quas festas, visto não gostarem da bandeira do collegio por antiquada, contribuindo peculiarmente seus pais e, com trabalho e esforço, apriram uma subscrição para o completo custeamento

da mesma. Agora, porém, que o seu collegio foi encerrado e ipso facto extinto e as alunas que adquiriram a sua bandeira eram postas colectivamente na rua com os livros abertos em meio, sem que all completassem o seu curso, justo era, parecendo até nos mais rudimentares principios; que levassem a sua bandeira que tanto lhes custou a adquirir. Não se comprehendê que dentro das portas do collegio, que naquele momento se encerrava, ficasse artigo algum pertencente ás alunas, que, como se disse, colectivamente saíram e cujos artigos só por usurpação (ou apropriação?) outros poderão usar. Nenhum argumento pode coarctar, desde que a colectividade saiu e o collegio, que ha tantos anos funcionava ininterruptamente, agora era extinto.

Extinto sim, porque voltar ali a funcionar um collegio nunca pode ser o antigo Collegio do Campo da Feira. Não, isso acabou, mas ha mais:

As alunas, agora puxotadas, não queriam a bandeira do Collegio mas sim a sua bandeira, que com elas, até áquello momento, se tinha conservado lá dentro e com elas devia sair. Apesar de todas estas razões, as crianças ingenuas não quiseram levar a sua bandeira sem, num excesso de delicada deferencia, se dirigirem ao Ex.^{mo} Pravedor comunicando-lhe os seus desejos de levar a bandeira que era muito sua. Infantis crianças!

A sua delicadeza foi correspondida com a amabilidade de que iria apresentar o caso em Conselho e depois responderia.

A resposta não a deu, mas deixou recado para a Comissão de meninas: Que, por elle, a deixava levar (o que já prova que no conselho não havia unanimidade de vistas) mas a mesa não consentia, porque, juridicamente, não tinham direito e (aqui rasgo de eloquencia) que, se quisessem, consultassem um advogado!

Mas então desafiava-se a Comissão de meninas a pleitear no tribunal o direito a sua bandeira? Como tudo isto é triste!

Agora perguntamos nós:

Com que direito a mesa da Irmandade se apossa da bandeira que as alunas do ex-collegio adquiriu? Não lhe chegava a bandeira do seu antigo collegio que ninguém reclamou? Quem lhe ofereceu a bandeira das alunas? Para que a querem?

Será para a conduzir na procissão dos Santos Passos, exibindo-a como trofeu tomada aos vencidos? (queremos dizer aos expoliados) ou será de antemão reservada para offrenda na sessão solene da abertura do seu novo collegio correcto e augmentado? Duas bandeiras na abertura de um só collegio? Neste caso, qual será a dedicatória?

Dirão que aquella bandeira fôra adquirida pelas alunas do antigo collegio, que lhes chamava sua, mas que a mesa não consentiu, para poder agora oferecer esse pendão que é a sua corôa de glória?

Sendo assim, concordamos e achamos bem. Resta, porém, saber se o pessoal do novo collegio não terá pejo de usar uma bandeira nestas condições.

Tudo isto causa tristeza pela forma pouco lógica dos factos e sobre tudo pelo desaparecimento do melhor e mais antigo collegio de meninas em Guimarães. Ha, todavia, quem neste momento se regosije; são aqueles a quem o Collegio do Campo da Feira fazia sombra e os que lhe moveram guerra de exterminio. Devem, porém, estar a esta hora com a consciencia em brasa os que tristemente se deixaram influenciar, por esses outros, para não sustentarem no Olimpo, onde publicamente (discurso da mesa na ultima sessão solene para a distribuição de premios) elevaram o collegio a o seu dorpo decano,

PROSPERIDADE
Companhia de Seguros e Reseguros
Terrestres e Maritimos
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital 500:000\$00
SÉDE NO PORTO
Rua de Trás, 7 — 2.º (aos Loios)
Agente geral em Guimarães
Agostinho Fernandes Rocha.
RUA DA REPUBLICA, 144

deixando-o tombar sobre a Rocha Trapeira, produzindo assim na sua grande queda o enorme som da incoerencial

Nem ao menos uma assembleia geral dos irmãos salvou as apparencias da mesa. Nestes tempos que vão correndo, e que tudo promete inverter-se, só nos resta que as «irmãs» venham intervir com o seu voto, quando o sufragio universal seja um facto.

OBITUARIO

JOAQUIM MARTINS DE MENEZES

Na sua casa da rua de Gil-Vicente, desta cidade, faleceu no dia 31 de Março findo, o nosso correligionario sr. Joaquim Martins de Menezes, de 36 anos, proprietario, antigo e actual vereador republicano. O saudoso extinto era casado com a sr.^a D. Maria de Oliveira Almeida Menezes, e cunhado dos nossos correligionarios e amigos sr.^s Dr. Eduardo de Almeida e Jeronimo Almeida, e tambem do sr. Dr. Alvaro José da Silva Bastos, distinto lente de filosofia na Universidade de Coimbra.

TORCATO COELHO DA FONSECA MAGALHÃES

Faleceu ainda, pela 1 hora, do dia 1 do corrente, no Largo da Misericórdia, desta cidade, o nosso amigo e correligionario sr. Torcato Coelho da Fonseca Magalhães, de 37 anos, proprietario. Torcato Magalhães era um amigo dedicado e sincero, pelo que é sentida a sua morte.

O falecido era irmão do sr. Dr. Portirio Magalhães, deputado às Constituintes e notario em Louzada, e da sr.^a D. Maria da Fonseca Magalhães Leite da Silva, e cunhada dos sr.^s José Lopes Cardoso, e Alipio Alves Salazar, proprietarios, em Ronfe, deste concelho.

A's familias enlutadas a expressão sincera do nosso mais vivo pesar.

Um acto digno de louvor...

Acabamos de ser informados que nos concursos que terminaram ha dias, para dois lugares vagos na administração deste concelho, foi nomeado para um deles o nosso amigo e correligionario sr. Francisco Gonçalves da Cunha, chefe de policia, tomando posse no dia 8 do corrente, deixando, portanto, de exercer aquele cargo desde essa data, cargo que desempenhou com dignidade e no qual foi novamente colocado interinamente.

Até que enfim: Republica! Louvamos a acção do autor.

JOAQUIM EDUARDO ALVES

Para a capital da França seguiu o nosso amigo e correligionario sr. Joaquim Eduardo Alves, em serviço da casa Pinto Basto & Leite, do Porto. Feliz viagem.

Tipografo

Precisa o jornal «De feza de Felgueiras». Bom ordenado. Trata-se com o sr. Arnaldo Faria, rua Agostinho Ribeiro—Felgueiras.

ANUNCIO

Por sentença de 20 de Março findo, publicada em audiencia do dia 22 do mesmo mes, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio entre os conjugues Ermelinda da Conceição Fernandes, proprietaria do Hotel e Restaurante da Vista Alegre, do Largo da Estação do Caminho de Ferro, desta cidade, e Joaquim de Abreu Salgado, ausente em parte incerta, com fundamento no n.º 3 do art.º 4.º da Lei de 3 de Novembro de

1910, o que se faz publico para os efeitos legais.

Guimarães, 7 de Abril de 1920

Verifiquei.

Pelo Juiz de Direito o Presidente da Camara,

Morreira Sampaio.

O escrivão,

Luiz Candido Lopes.

A «VELHA GUARDA» E A CRISE DA IMPRENSA

É sabido que todos os jornais estão lutando com uma crise terrível, pois é quasi impossivel poderem-se sustentar sem novos aumentos. O preço do papel e de outros artigos, assim como o da mão de obra, tem aumentado cem por cento. «A Velha Guarda», humilimo semanario, que se tem sustentado com o esforço proprio e com o auxilio dos seus assinantes, pois quasi que não tem tido anuncios, vai tentar vencer este estado de coisas, aumentando apenas 1 centavo em numero. É pouco o que se pede aos seus dedicados assinantes. Da sua intelligencia esperamos, confiados, este pequenino acrescimo. Principiando, com o numero, 91 o 2.º ano, da segunda fase, oxalá que, brevemente, pudessmos descer ao preço das assinaturas, desde que tudo se normalizasse. Não nos importa mesmo de perdermos, até certo ponto justificavel.

Aos nossos assinantes

Tendo a segunda fase de «A Velha Guarda», completado doze mezes de existencia, vamos proceder á cobrança das assinaturas do segundo semestre deste semanario. Aos da cidade e concelho ser-lhes-ha apresentado o recibo pelo cobrador, dignando-se honrarnos com o seu bom acolhimento.

Da gentileza dos nossos subscritores esperamos a satisfação deste nosso pedido. Como porém, dos assinantes de fora, ainda não cobramos o primeiro semestre, nós vamos proceder á cobrança de um ano, esperando a alta fineza de pagarem os recibos.

Achando-se ainda em debito da assinatura do 1.º semestre alguns nossos assinantes, vimos rogar-lhes a subida fineza de satisfazerem as respectivas importancias.

Farmacia

Vende-se ou aluga-se a farmacia de Pombeiro, com todos os seus pertencentes. Quem desejar pôde dirigir-se a Fernando José Moreira Leite, do lugar de Ufe da freguesia de Calvos, deste concelho.